EPA - Estudos Portugueses e Africanos
Número 5, 1985
Páginas 75 - 84

O RESGATE POÉTICO DA INFÂNCIA
(Sobre a Fixação na Infância Como um dos Aspectos da Poesia de Antônio Nobre)

Antonio Morais de Carvalho (U.F.Pb)

"Estrela da vida inteira.
Da vida que poderia
Ter sido e não foi. Poesia,
Minha vida verdadeira".
Manuel Bandeira.

Antônio Nobre foi desde cedo bastante raquítico (e desconfiado de que o era). Sua família o cercou sempre de cuidados e carinhos especiais, o que contribuiu para enfraquecer psicologicamente aquele que já possuía saúde frágil, para torná-lo um ser profundamente dependente, enfim, para torná-lo um eterno nostálgico da infância, pois somente neste tempo ele pôde realmente assumir toda sua debilidade, toda sua dependência, de forma natural, tranqüila, sem conflitos. Pela adolescência , houve um interstício onde o poeta pareceu melhorar de saúde, pareceu mais disposto ; mas as decepções nos estudos superiores, a vida difícil que levou quando passou a estudar em Paris, a ausência definitiva da mãe, a situação difícil do pai e mais sua incapacidade para a vida prática, sua dificuldade nos contatos fizeram-no enfraquecer a mais e mais, terminando o poeta por ser vítima da tísica que o maltrataria bastante, antes de levá-lo à morte. Durante este tempo, perdidas as esperanças, mergulha o poeta em profundo descaso, às vezes repulsa, ao presente-futuro, ampliando sua solitude e entregando-se apenas ao desejo-imaginação, agora centrado somente na recuperação interior da infância, para sempre perdida, como universo ideal - daí sua fixação.

E aqui reside um ponto capital de sua obra: a luta intestina, profunda e insuperável entre a razão (que o fazia pensar em aceitar a vida, na sua aspereza, de forma adulta) e a emoção, que o compelia a refugiar-se na infância - na maior parte do tempo, é esta que leva vantagem.

A infância (e com ela os carinhos e a proteção materna) está tão enraizada na alma de Nobre e na sua poesia que o poeta, mesmo tratando de tema como o mar, v.g., às vezes revela a sua ânsia de proteção materna. É assim com o poema "Ao

Mar", onde o poeta dá não só para si essa dimensão familiar, mas pensa transmiti-la também para os seus futuros (imaginários) familiares.

"Que tua mão oceanica me ajude,
Leva-me sempre pelo bom caminho,
Não me faltes nas horas de afflicção.

Dá-me talento e paz, dá-me saúde,
Que um dia eu possa enfim, poeta velhinho!
Trazer meus netos e beijar-te a mão..."

(Despedidas, 64)

É assim também com a amada, como no poema "Mamã". O título é já eloqüente, e a estrofe final é definitiva, revelando um edipianismo indisfarçável:

"Pois que perder-te, meu amor, agora,
Ai que desgraça horrivel! isso fora
Perder a minha Mãe, segunda vez." (id. ibid., 29)

Interessado neste aspecto (sobre o qual não há bibliografia específica), resolvemos centrar nosso trabalho neste ponto: a fixação do poeta na sua infância, a tentativa, consciente ou inconsciente, de torná-la viva, de revivê-la, a nível imaginário-poético. Embora a nossa preocupação seja literária, ela se debruçará, no entanto, basicamente na vertente temático-conteudística, aparecendo a parte formal e/ou estilística apenas quando servir como elemento de significação, de apoio, dentro do âmbito que demarcamos.

Resolvemos tomar como "corpus" do nosso estudo, os sonetos de Só, exatamente por ser neles onde o senso nostálgico do poeta e sua tristeza profunda se apresentam de forma mais constante e, em alguns casos, incisiva.

Em Só (livro conhecido como o mais triste que há em Portugal), nem tudo é nostalgia, aversão ao presente-futuro, mas mesmo nos momentos de rara esperança, esta surge de maneira pálida, como se o poeta pressentisse a natureza ficcional de sua esperança. E ainda quando o poeta debruça-se sobre o povo humilde português, com toda simpatia e amor, ou quando descreve paisagens lusas, as imagens são carregadas de melancolia e de uma fina tristeza.

Logo no poema-epígrafe, "Memória"* (um soneto disfarçado), avulta, nitidamente marcada, a dependência paterna (pai/mãe) de Nobre: o poeta traça rapidamente a trajetória do pai rumo ao encontro com a mãe, e o próprio nascimento. E quando o poeta de si próprio diz:

"Só é o poeta-nato, o lua, o santo, o cobra!
Trouxe-o dum ventre: não fiz mais do que o escrever...",
(Só, 7)

faz convergir para o nascedouro (o habitat primitivo) o impulso-motor do seu poetar. O poeta auto-inventaria seu existir, mostrando onde repousa o fulcro seu.

O diminutivo (tão do gosto de Nobre, revelador do seu afeto por pessoas e coisas, também da sua emoção infanto-juvenil) faz-se presente aqui:

"Aquele santo (que é velhinho e já corcova)
.....
Nasci eu... O velhinho ainda cá ficou."(id. ibid.)

Presente ainda a expressão, pouquíssimo alterada (que será outra sua recorrência verbal), comum nos contos de fadas, própria no vocabulário, passivo ou ativo, das crianças:

"Uma vez, uma vez, linda menina amou:"(id. ibid.)

No poema seguinte, também intitulado "Memória", o poeta vai mostrar a dor do corte umbilical, suas ressonâncias como determinantes básicos da sua problemática existencial. Depois de falar da morte da mãe, ele:

"E assim se criou um anjo, o Diabo, o lua;
Ai corre o seu fado! a culpa não é sua!"(id.ibid., 10)

Em "Menino e Moço" (a rigor, primeiro soneto deste livro), a força persecutória da infância atravessa todo o poema (dos melhormente realizados do autor, diga-se de passagem), o senso de sua irrecuperável perda.

"MENINO E MOÇO

Tombou da haste a flor da minha infância alada.
Murchou na jarra de oiro o púdico jasmim:
Voou aos altos Céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada,
Num castelo com torres de marfim!

Mas, hoje as pombas de oiro, aves da minha infância
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no Céu evolam-se, a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos Céus meus ais:
Voltam na asa do Vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais..."(id. ibid., 139)

Aqui, a infância (flor e ave) é vista como paraíso perdido. Puríssima ("pudico jasmim" - "pomba"); viçosa e fulgurante ("luz dessa alvorada"); poeticamente, singelamente bela ("visão de luar"); misteriosa, fantasiosa, particularíssimo mundo de crianças, isolado do mundo adulto, precioso (..."encantada,/Num castelo com torres de marfim!"); inefável, no seu mistério indecifravelmente poético e belo ("Que me enchiam de lua o coração, outrora"), esta a infância irrecuperável do poeta enquanto espaço-tempo histórico-existencial. Mas psico-existencialmente, no registro do poeta, na perfeita expressão recuperadora, ficcionalmente, de emoções e sensações, no seu teor desgostoso, nostálgico, em cujo momento paroxístico atinge o desespero ("Debalde clamo e choro, erguendo aos Céus meus ais:"), inclusive traindo-se na linguagem (repare-se na palavra "ais", suspiro de "adolescidade" - expressão cara aos românticos, nas suas referências a suspiros de donzelas infanto-juvenis), permanece viva a infância - o drama é sabê-la incompatível com as exigências do mundo adulto circundante, ao qual o poeta está ligado cronologicamente, racionalmente, mas nunca emocionalmente. O Poeta sabe da impossibilidade de recuperação da infância - mas tudo que lhe pulsa intimamente é o desejo imenso de recuperá-la.

O título tem já o sentido da dupla existência, do drama: "Menino e Moço" tanto significa o gesto de rebuscar o poeta, num dado momento, enquanto moço, a infância, como significa o choque íntimo entre a emoção de menino e a razão de adulto.

No soneto 2, os versos "Mal despontava para a vida inquieta,/Logo ao nascer mataram-lhe os ideais," vão radicar, outra vez, sua origem dilemática no nascedouro, desta vez não para marcar o destino de poeta, mas para lastimar a impossibilidade de uma vivência plena - e aqui vale uma achega biográfica:

> "Meu irmão, diz Augusto Nobre, era uma organização delicada e nervosa. Para ele se dirigiam sempre, e desde os primeiros anos, os cuidados da família, não lhe faltando os meios de robustecimento à sua débil compleição."
> A intuição da sua fraqueza já em criança lhe trazia preocupações. Às vezes pedia que quando morresse o embrulhassem num cobertor, porque tinha medo do frio no jazigo. Outras,fazia disposições testamentárias dos seus brinquedos, que guardava numa gaveta. Era naturalmente melancólico, mas isto não o impedia de admirar a alegria dos seus companheiros de infância.
>
> (Despedidas, 160)

E é tal o senso fatídico do poeta, pesa-lhe tão inarredável o fado, que ele chega a desprezar toda a existência:

"Há quatro lustros, viu a luz um poeta
Que melhpr fora não a ver jamais."(Só, 148)

E desprezando a existência como um todo, o poeta, que em outro texto, e na própria vida, amava sua terra, depois de uma citação indireta de "Os Lusíadas", termina por negar também a pátria:

"Nada me importas, País!
.....
Que desgraça nascer em Portugal!"(id.ibid.)

No soneto 3, voltam os sonhos infanto-juvenis, agora sob a metáfora do castelo senhorial com feudo e tudo.

3

"Na praia lá da Boa Nova, um dia
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castelo, o que é a fantasia,
Todo de lápis-lazúli e coral!

Naquelas redondezas não havia
Quem se gabasse dum domínio igual:
Oh Castelo tão alto! parecia
O território dum Senhor feudal!

Um dia (não sei quando, nem sei donde)
Um vento seco de Deserto e spleen
Deitou por terra, ao pó que tudo esconde,

O meu condado, o meu condado, sim!
Porque eu já fui um poderoso Conde,
Naquela idade em que se é conde assim..." (id.ibid., 149)

Mutatis mutandis, o poema desfila grandes similitudes com "Menino e Moço" (no mínimo pode-se dizer ser idêntico ao clima que os anima). Agora a infância (embora não verbalizada literalmente, denotativamente, no texto) é o "Castelo" (metáfora central do texto, antes metáfora parcial). O "Castelo" evola-se, como as "pombas de ouro".

Como já dissemos, há uma faceta racional no poeta que acompanha seu emocionalismo, sem diminuí-lo no entanto. Em versos como "Alto Castelo, o que é a fantasia," e os da última estrofe, o poeta mostra como toda grandeza não passou de imaginação, de sonho próprio "daquela idade", ao mesmo tempo que parece fazer questão de insistir na veracidade interior (e por isto mesmo permanente) daquela vivência ("O meu condado, o meu condado, sim!"),numa repetição um tanto enfática, um tanto irritadiça (como ocorre no discurso das crianças que insistem em fazer passar por verazes suas invencionices).

4

"Ó Virgens que passais, ao sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantai-me, nessa voz omnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formosura, o luar!

Cantai! cantai as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu Lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai!" (id., ibid., 150)

Até o final do terceiro verso da primeira estrofe, o clima geral (sugerido por palavras como "virgens", "sol-poente", "estradas ermas", "canção ardente") parece ser outro, parece querer colocar-nos num instante de sensualidade do poeta... O verso último da estrofe apaga tudo. Estamos diante do mesmo anseio de recuperação do passado, da infância, e da mesma certeza ("perdido lar" - e mais adiante,"ilusões antigas") de impossibilidade de recuperação. Aqui, parte do anseio é outra vez literalmente revelada, e a vontade de ser criança mesmo é apenas meio velada no verso final: ou seja: o canto que ele pede é para adormecê-lo: é uma canção de ninar.

No soneto 5, que descreve um passeio do poeta com uma donzela,logo na primeira estrofe ele reduz sua caminhada com a amiga a um companheirismo de crianças: "Como as crianças ao sair da escola." E todo o desenrolar do poema assume um clima trágico, às vezes funesto. O poeta cria uma atmosfera difusa, misteriosa até o momen

to em que transfere para a amiga um aspecto de velhice ("e deva-te um aspecto de velhinha!"). Só então, revela: "Que linda eras,"(...). Podemos pensar, que só após a transferência da imagem materna para a da amiga, consegue o poeta reconhecer-lhe a beleza.

Neste poema, voltam os diminutivos: "Avozinha", "velhinha".

O soneto 7 não fala, em nenhum momento, da infância, mas revela a inexeqüibilidade do presente adulto/adolescente e do futuro senil podendo o passado infante ser entrevisto pelo silêncio, pelo avesso, como o único tempo bom. Observemos a última estrofe:

"Quero viver, eu sinto-o, mas não posso:
Eu não sei, sendo assim enquanto moço,
O que serei, então, depois de velho."(id. ibid., 153)

No soneto 10, última estrofe, depois de todo um diálogo imaginário com a mãe morta, o poeta termina por rebentar num pranto verbal de filho solitário, exilado, sem mãe:

"Fora melhor não ter nascido, fora,
Do que andar, como eu ando, degredado
Por esta Costa de África da Vida." (id. ibid., 156)

12

"Não repararam nunca? Pela aldeia,
Nos fios telegráficos da estrada,
Cantam as aves, desde que o Sol nada,
E, à noite, se faz Sol a Lua-Cheia.

No entanto, pelo arame que as tenteia,
Quanta tortura vai, numa ânsia alada!
O Ministro que joga uma cartada,
Alma que, às vezes, de além-mar anseia:

- Revolução! - Inútil. - Cem feridos,
Setenta mortos. - Beijo-te! - Perdidos!
- Enfim, feliz! - ? - ! - Desesperado. - Vem.

E as boas aves, bem se importam elas!
Continuam cantando, tagarelas:
Assim, Antônio! deves ser também."(id., ibid., 158)

Neste soneto (em cuja terceira estrofe, o poeta consegue, através de frases bruscas, superposição de realidades distintas, reproduzir à perfeição o proces

so telegráfico - diga-se de passagem), depois de revelar, a partir de uma reflexão sobre um fato corriqueiro, uma apreensão adulta do real, o poeta quer-se alheio à realidade circundante, como as aves, cujo procedimento só encontra paralelo humano nas crianças, estas passíveis de insulamento do real, por mais asfixiante que este seja - desde que não as atinja nas suas individualidades.

Interessante notar ainda como o poeta, no último verso, dirige-se a si próprio, pronunciando seu nome, maneira própria das crianças auto-referirem-se, quando ainda não têm consciência de si mesmas como individualidade, quando não dotadas ainda de ego.

15

"O meu beliche é tal qual o bercinho
Onde dormi horas que não vêm mais.
Dos seus embalos já estou cheiinho:
Minha velha Ama são os vendavais!

Uivam os Ventos! Fumo, bebo vinho.
O Vapor treme! Abraço a Bíblia, aos ais...
Covarde! Que dirão (eu adivinho)
Os Portugueses? Que dirão teus Pais?

Coragem! Considera o que hás sofrido,
O que sofres e o que ainda sofrerás,
E vê, depois, se acaso é permitido

Tal medo à Morte, tanto apego ao Mundo:
Ah! fora bem melhor, vás onde vás,
Antônio, que o Paquete fosse ao fundo!"(id., ibid., 161)

A partir da comparação "beliche/bercinho", a palavra "embalos" assume dupla funçao. Quando o poeta diz estar "cheiinho" dos "embalos" é como se dissesse estar saturado da infância (esta é a primeira vez em que diz isto - ficaremos sabendo depois ser esta afirmação puramente racional) e da vida adulta. A palavra "vendavais" desdobra-se também: ela é o resultado do conflito íntimo (sonho vs. realidade, emoção vs. razão, interior vs. exterior) do poeta: da permanência da infância: como cerne emocional do poeta, e das exigências da vida adulta, ambas inviáveis. Mas através da própria organização da linguagem (em si), da seleção vocabular (provavelmente inconsciente), o que se vê é o predomínio da infância: a própria associação "beliche/bercinho" (reparem também no diminutivo) indica continuar o poeta no mundo da infância, vendo tudo sob sua percepção infantil (o poeta permanece com a sensibilidade infantil) - daí sua inadaptação ao mundo adulto, sua leitura infantil do mundo. Neste momento limite ele não suporta a existência como um todo: são "vendavais" as

raízes do passado, que não o deixam assumir a vida adulta; são "vendavais" as forças do presente que o impedem de permanecer lá no passado - daí ele preferir morrer.

Na segunda estrofe, podemos ainda ver que o poeta abraça a Bíblia. Este gesto pode simbolizar a tentativa de abraçar o Pai Eterno, que, por sua vez, pode ser entendido como o sucedâneo do pai do poeta, sua macroprojeção. Não bastasse, o poeta, diante do medo da morte, teme ser chamado de covarde, e pergunta: "Que dirão teus pais?". Aqui temos mais um índice claríssimo de dependência em relação aos pais, um comportamento tipicamente infantil, próprio de crianças que fazem coisas erradas e, temerosas, ficam a se perguntar o que pensarão seus pais.

Voltam neste poema os diminutivos e a expressão "ais". Como retorna também o gesto de chamar a si próprio, o poeta, pelo seu nome.

16

"Aqui, sobre estas águas cor de azeite,
Cismo em meu Lar, na paz que lá havia:
Carlota, à noite, ia ver se eu dormia
E vinha, de manhã, trazer-me o leite.

Aqui, não tenho um único deleite!
Talvez...baixando, em breve, à Água fria,
Sem um beijo, sem uma Ave-Maria,
Sem uma flor, sem o menor enfeite!

Ah pudesse eu voltar à minha infância!
Lar adorado, em fumos, a distância,
Ao pé de minha Irmã, vendo-a bordar:

Minha velha Aia! conta-ma essa história
Que principiava, tenho-a na memória,
"Era uma vez...".
Ah deixem-me chorar!"(id., ibid., 162)

Antônio Nobre, ausente do lar, basta a água do mar esverdear-se num dado momento, para, por associação, ele relembrar a terra (onde o azeite é tradicional às mesas) e, principalmente, o lar distante. O poeta relembra logo os cuidados da ama (substitutos do zelo materno) - primeira estrofe. Na terceira estrofe, ele literalmente formula o desejo (de impossível realização - ele mesmo sabe ser agora esfumado seu lar - verso dois) - de voltar à infância, para, em seguida, num ato de rememoração tão intenso que o faz presentificar o desejo (suplantando o conhecimento de inviabilidade do gesto), pedir "Minha velha Aia! conta-me essa história". E termina por pronunciar: "Era uma vez..." - expressão típica de abertura de certo tipo de histórias infantis fantasiosas, fazendo aderir sua linguagem à daquele mundo, ao mesmo tempo sugerindo como a sua infância foi algo de fantasioso, fantástico, e, tautocronamente, lem

brando ainda que ela ficou irremediavelmente perdida no tempo passado. Uma gama complexa de sensações.

Isto que quisemos revelar/relevar: o poeta recorda sempre os sonhos e a felicidade da infância, sabendo que estão mesmo perdidos. Nutre-se do passado, das recordações, das sensações longínquas (e tão próximas! mais próximas que o presente), sem gritar esperanças, pois o fantasma da razão está sempre ao lado para negar tudo, sem no entanto dissolver nada, a nível anímico e poético ao menos.

É no fio desse impasse que o poeta tece sua obra, de profunda autenticidade humana, extrema simplicidade e, talvez por isto mesmo, de tanta força poética.

NOTA

*. Antes de iniciar o livro, propriamente dito, há dois poemas, ambos com o mesmo nome ("Memória"), espécies de epígrafes - inclusive ambos vêm impressos em itálico, tipo diverso do utilizado nos demais poemas.

BIBLIOGRAFIA:

1.COELHO, Jacinto do Prado (direção) - Dicionário de Literatura. Vol. 3, 3ª ed., Porto, Figueirinhas, 1978.

2.LOPES, Óscar - Modo de Ler. Porto, Inova, 1969.

3.LUFT, Celso Pedro - Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira. 2ª ed., Porto Alegre, Globo, 1973.

4.MOISÉS, Massaud - A Literatura Portuguesa Através dos Textos. 7ª ed., São Paulo, Cultrix, 1976.

5.———————— - A Literatura Portuguesa. 14ª ed., São Paulo, Cultrix, 1977.

6.NOBRE, António - Despedidas. 4ª ed., Porto, Porto, 1944.

7.———————— - Só. 17ª ed., Porto, Tavares Martins, 1976.

8.OLIVEIRA, Guedes de - "Antonio Nobre". In Despedidas. 4ª ed., Porto, Porto, 1944.

9.SARAIVA, António José & Lopes, Óscar - História da Literatura Portuguesa. 4ª ed.,Porto, Porto, s/d.